



O ENSINO DA DANÇA EM COMUNIDADES VIRTUAIS: REFLEXÕES SOBRE ADAPTAÇÕES DO PROJETO UNIFICADO DANÇA NO BAIRRO AO CIBERESPAÇO

KAREN DA CONCEIÇÃO MOREIRA; CATIA FERNANDES DE CARVALHO;
MANOEL GILDO ALVES NETO

Universidade Federal de Pelotas – karenmooreira@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas- catiadanca@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas– manojel.gildo@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Unificado Dança no Bairro (UFPEL), tem como coordenador o Prof. Me. Manoel Gildo Alves Neto (Dança-Licenciatura/UFPEL) e como coordenadora adjunta e fundadora a TAE Cátia Carvalho (CA/UFPEL). O projeto tem como objetivo central promover oficinas de Dança nos bairros da cidade de Pelotas-RS, tendo como público alvo crianças e adolescentes. Em termos de formação discente, visando a implementação real da curricularização da extensão, o projeto atua com o intuito de fomentar a qualificação da/do licenciada/o no tocante da formação social, para que as/os discentes se engajem realmente com a produção cultural local, visando que essa experiência alimente seu processo formativo para o ensino da Dança.

Vale ressaltar que nesse momento o contexto do ensino da Dança é fortemente atravessado, de maneira quase que disruptiva, pelas questões do nosso tempo. Vivemos um estado de Isolamento Social, em decorrência da Pandemia de COVID-19. As orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e pela parcela de cientistas da área da saúde, principalmente a epidemiológica, recomenda expressamente o isolamento e distanciamento social como ferramentas eficazes para evitar a disseminação e o aumento de mortes pelo coronavírus e consequentemente como estratégias de proteção da humanidade.

Dada a situação atual o Projeto Unificado Dança no Bairro (UFPEL), que tem como ênfase a extensão e goza do reconhecimento social pela sua inserção e descentralização das atividades em territórios diversos em bairros periféricos e centrais da cidade de Pelotas-RS, precisou adaptar-se para dar manutenção do vínculo com seu público alvo a partir de novas ações extensionistas que surgem nesse panorama atípico, forjado pela existência de uma pandemia. Dessa forma o projeto decidiu seguir suas atividades no formato *online*, através de aulas semanais síncronas e envio de atividades e tarefas assíncronas.

Tendo em vista os aspectos observados surgiram questões sobre o ensino online, tais como: Que dança é essa que se faz no ensino online? Quais suas estratégias? Desafios? Como despertar um corpo dançante? Um corpo presente mesmo de forma online?

2. METODOLOGIA

O grupo partiu da aplicação de um questionário construído via formulário google e divulgado pelas redes sociais do próprio projeto, com a finalidade de recolher inscrições para a prática das atividades de dança online. A estrutura do formulário contou com as seguintes perguntas: nome; idade; e-mail; número de

celular; bairro que mora; se estuda; se trabalha; acesso a internet; se possui aparelhos eletrônicos; quais redes sociais utiliza; espaço disponíveis para dança; quais estilos de dança gosta; quais estilos gostaria de aprender; se possui mobilidade física reduzida; se possui deficiência ou transtorno; se precisa de algum atendimento especial; e os horários disponíveis para as aulas, o questionário ficou disponível para o público por um período de 2 semanas.

Encerrado o período de inscrições via *Google Form*, contabilizou-se 97 inscrições dos interessados/os em participar das aulas de Dança, de modo *online*. As turmas foram divididas de acordo com sua faixa etária, preenchida de acordo com a ordem de inscrição, ou seja, os/as primeiras/os 15 inscritas/os foram contempladas/os com vagas, ficando os demais inscritos/as como suplentes das vagas que entrassem em vacância. A adaptação do projeto para o ensino de dança na modalidade virtual, está ocorrendo com pessoas de várias faixas etárias (a partir de 8 anos) e não somente com moradoras do município de Pelotas-RS, como também moradores de diferentes lugares do Brasil. Ou seja, o projeto se expandiu com sua forma virtual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante as respostas do questionário, tornou-se possível observar a grande diversidade de gostos de gêneros de dança e de expectativas com as aulas, o que veio a ser um grande desafio, pois além de desenvolver estratégias metodológicas para as aulas de dança em formato virtual, houve a necessidade de se pensar caminhos para abarcar a pluralidade do público. Os encontros são abertos a todas/os inscritas/os e ocorrem semanalmente desde agosto de 2020, de forma gratuita, online e síncrona via aplicativo *Team Link*.

Pode-se ressaltar que cada turma que se constitui no território virtual possui as suas características próprias. Ao compormos um grupo pela aproximação de faixa etária, nos deparamos com uma grande diversidade de sujeitos. Ou seja, são vários corpos que se encontram online com hora marcada para dançar, além da diversidade de gostos e expectativas já mencionadas, nos deparamos com corpos que possuem experiências no campo de saber da dança de modos muito singulares, e ainda, apresentam diferenças a partir de variados marcadores sociais. Segundo a autora Goellner, o corpo é uma construção cultural:

Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (2013, p.30)

Outro fator a ser destacado é a intimidade com algumas plataformas virtuais e aplicativos (alguns participantes possuem melhor acesso e domínio no uso dessas ferramentas e outros nem tanto). Na turma de 8 a 12 anos as atividades propostas têm como referência a criação em dança e o sentido lúdico de crianças que aprendem dançando e brincando, fazendo-se uso de jogos com ações corporais diversas, vídeos tarefas gravados pelas alunas(os) por *whatsapp* e *Tik Tok*. Com a turma de 13 a 19 anos as atividades são propostas por alongamentos, aquecimentos dançantes, experimentação de diferentes estéticas de movimentos a partir de gêneros de dança; sequências coreografadas; exercícios de improvisação e desafios semanais pelo *tik tok*. Nessa turma de jovens estão sendo trabalhados diferentes repertórios de movimentos situados



nas danças urbanas (tais como Charme, Hip hop dance; Funk e Dança do passinho). Essa proposta pedagógica procura fazer conexão com os gostos dos corpos imersos nos gostos das culturas juvenis. Uma das estratégias utilizadas foi a de começar as aulas por algo mais conhecido pela turma, e ao longo desse processo provocar situações em que as alunas se expressam corporalmente com mais autonomia e criatividade. De tal modo, são experimentadas estratégias de incentivo ao protagonismo das jovens para que elas se coloquem na cena conscientes de seus movimentos e se enxerguem como produtoras de saberes a partir de seus corpos dançantes. Já na turma da faixa etária dos 20 a 39 anos as aulas são desenvolvidas a partir da consciência e expressão corporal, quando necessário as monitoras enviam sugestões de material em formato de vídeo pelo grupo de whatsapp da turma. O grupo com idade de 40 a 80 anos escolheram trabalhar com gêneros de dança que são mais consumidas e que estão próximas ao contexto das alunas, a turma também conta com professores convidados. Até o presente momento já foram concluídas 5 aulas, tendo início no dia 26 de agosto de 2020 sendo 1 aula por semana em cada turma com duração de 1h. As turmas foram organizadas da seguinte forma:

Turma	Faixa etária	Data	Horário	Professores
1	8 a 12	Quarta-feira	17h-18h	- Helena Dias - Wellington Aranha
2	13 a 19	Quinta-feira	17h-18h	- Karen Moreira - Cátia Fernandes
3	20 a 39	Quarta-feira	19h-20h	- Janete Rodrigues - Claudilene de Lima
4	40 a 80	Quarta-feira	16h-17h	- Carolina Portela - Manoel Gildo

A autora MARQUES demarca que dançar não é só movimento, é relação. São essas relações que produzem sentidos e que superam a lógica produtivista e estável da dança enquanto reprodução de passos. Portanto, nas palavras de Marques (2012, p.28): “dependendo de como for ensinada, a dança pode abrir espaços para que os corpos se relacionam consigo mesmo, entre si e com o mundo”. Aparece aí a desestabilização do ensino tradicional de dança para um outro território que possibilita o emaranhado de redes de relação e de vínculos, a partir desse potencial transformador é que as propostas de nossas diferentes metodologias com a dança são construídas. Buscamos dar abertura para o corpo expressivo que interage e se comunica, e ao mesmo a ruptura com os sistemas tradicionais da dança que colocam a técnica em primeiro lugar e pensam o corpo como produto a ser formatado, impedindo-os de serem corpos cênicos¹, expressivos, brincantes e criativos.

¹ Para Marques no/com o corpo cênico, a linguagem é construída, desconstruída, criada, recriada. O corpo cênico tem potencial criador, criativo e construtor da linguagem artística, ele compõe e transforma as relações estéticas.

4. CONCLUSÕES

Levando-se em consideração os aspectos mencionados acima, ressaltamos que devido às mudanças de funcionamento do projeto, suas variações quanto aos modos de operar em sua relação com a comunidade (atualmente através do espaço virtual e não mais através do espaço físico de um bairro situado geograficamente no mapa da cidade), houveram também mudanças metodológicas, pois esse “formato novo do projeto” demandou a reinvenção dos fazeres docentes, a experimentação de outros modos de ensinar dança. A dança no ensino remoto de certa forma acaba se ressignificando a partir desse contexto específico da pandemia. No momento em que estamos vivendo, mesmo sendo a distância e online a dança continua presente, mas mais como uma maneira de “escape das tarefas diárias”, talvez mais presente na vida de outras pessoas como uma forma de entretenimento que muitos não tinham contato antes do cenário de isolamento social.

O corpo é conectado num todo, um conjunto que une mente e corpo. Por isso, para que cada corpo que está em casa se desperte para a dança precisamos encontrar caminhos para favorecer sua presença por inteiro. Que o sujeito que dança não esteja somente conectado à tela que visualiza, mas que esteja presente no que está vivenciando. Para que tudo flua esse corpo do (a) aluno (a) precisa ser conquistado, envolvido, e encorajado a mergulhar nesse grande laboratório de experiências que estamos nos desafiando a construir a partir dos encontros virtuais. Essa entrega também deverá partir da postura de cada educador (a) ao ministrar uma aula por exemplo, precisamos de concentração, disposição, dedicação, apropriação corporal do que iremos ensinar, e de presença cênica. E nessa relação que se constrói com cada turma acreditamos que um dos maiores desafios para nós professores de dança é o de manter nossos alunos conectados por inteiro, uma conexão consciente com a presença corporal de cada um.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção Cultural do Corpo**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. 9.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

MARQUES, Isabel A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações)

MARTINS, João Carlos. Ensino a distância em tempos de pandemia. **Revista Direcional Escolas**, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://direcionalescolas.com.br/ensino-a-distancia-em-tempos-de-pandemia/>>. Acessado em: 25/09/2020

AZEVEDO, Daniela Medeiros; GARBIN, Elisabete Maria; MORO, Marília Bervian. **Culturas juvenis contemporâneas em pauta: possibilidades da pesquisa em educação**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO – ESCOLA: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E CULTURA DE PAZ, 13., 2012, Novo Hamburgo. Anais.... Novo Hamburgo: FEEVALE, 2012. p. 1-13.